

# REVISTA

DO

# Instituto Historico e Geographico

DE

SÃO PAULO

---

---

**VOLUME VIII**

---

---

1903

---

---

SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO OFFICIAL»

1904

39209

## Os Guayanãs da Capital de S. Vicente

POR

THEODORO SAMPAIO

Em 1897, tratando-se aqui no Instituto da verdadeira graphia do nome *Guayaná*, em razão de algumas duvidas que sobre isso se suscitaram, dissemos com Gabriel Soares que os Guayanás da Capitania de S. Vicente tinham por *habitat* os campos de cima da Serra, os mesmos campos de Piratininga que o chronista Vasconcellos chamou o paraizo da gentildade.

Variaram então as opiniões a respeito.

Capistrano de Abreu, emerito investigador da Historia Patria, cuja competencia no assumpto todos reconhecemos, affirmava-me que os *Guayanãs* ou *Guayanis* como elle preferia graphiar, só em guerra penetraram nos campos de Piratininga, e, portanto, que não eram alli moradores e nem tinham dominio nesses campos. A seu ver, não eram Guyanás, mas Tupinikins, os indios catechizados pelos Jesuitas em Piratininga, sendo desta ultima nacionalidade Tibireçá e Caiuby e bem assim a gente da sequella desses dous chefes.

Ahi temos, pois, opinião radicalmente opposta ao que devulgaram Pedro Taques, Frei Gaspar da Madre de Deus, Machado de Oliveira e outros escriptores que se inspiraram em Gabriel Soares, e, de todo, contraria á tradição corrente entre os paulistae.

Não nego que então opinei pela tradição paulista, pois que então não consegui destruir o que tão minudentemente escreveu Gabriel Soares no seu Roteiro do Brasil a respeito dos Guayanãs de S. Vicente, com documentos de maior valia e que cathegoricamente o refutassem.

Gabriel Soares, quasi sempre tão bem informado, descreve os Guayanãs como os indios dominadores da Capitania, occupando-lhe as costas e as terras interiores, limitando-se ao norte com os Tamoios e ao sul com os Carijós, cuja lingua entendiam; descreve-os como indios bonachões, amigos dos brancos, não matando os seus prisioneiros, não os comendo como faziam os outros indios, dextros guerreiros em tanto que não sabiam do campo, onde moravam em covas abertas no chão. Descri-

ção tão minuciosa, em quem de ordinario andava bem informado, não podia deixar de impressionar-nos a todos como a tantos outros que no mesmo autor se inspiraram. Demais, tinhamos nós encontrado n'um dos escriptos, com bons fundamentos, attribuido a Anchieta, phrase, que, interpretada, vinha dar força á tradição paulista.

Na sua informação dos casamentos dos indios do Brazil, diz Anchieta, referindo-se a Caiuby: «Em Piratininga, da Capitania de S. Vicente, Caiuby, velho de muitos annos, deixou uma (mulher) de sua nação, tambem muito velha, da qual tinha um filho homem, muito principal, e muitas filhas casadas, segundo seu modo, com indios principaes de toda a aldeia de Jeribatiba, com muitos netos e, sem embargo disso, casou com outra, que era Guayanã das do matto, sua escrava tomada em guerra, a qual tinha por mulher...»

Como se vê da citação, a nova mulher do chefe de Jeribatiba não era da sua nação, mas *guayanã das do matto, sua escrava tomada em guerra.*

Não se pode concluir daqui que havia duas especies de Guayanãs, os do matto e os do campo, e que uns e outros eram inimigos e se faziam a guerra?

Não se infere tambem dahi que Caiuby seria um guayanã do campo, do typo descripto por Gabriel Soares, e que sua primeira mulher tambem era guayanã do campo?

A hypothese é perfeitamente cabivel e favoravel á tradição paulista; e, sendo assim, eram *guayanãs do campo* os indios aldeados pelos Jesuitas ao fundarem S. Paulo de Piratininga. Neste caso, porém, o nome de *guayanã* designaria apenas um ramo da raça tupy, porque, de facto, do tupy eram a *Arte e Vocabulario* escriptos por Anchieta, e porque os nomes dos chefes e principaes dentre esses indios e bem assim os das localidades na região por elles occupada eram todos procedentes desta lingua.

O guayanã, portanto, a prevalecer esta hypothese, era uma nação tupy como o era o tupynikim do littoral, com differenças dialectaes no falar, não comprehendendo bem o Tamoyo, mas entendendo-se com os Carijós, como o diz Gabriel Soares. Aceita, porém, esta hypothese, o nome *guayanã* (*guay-anã*), dado aos de cima da serra pelos outros indios do littoral, traduz-se mui legitimamente—*aquelle que é parente.* Esta é a tradição paulista, que até agora tem sido geralmente aceita.

Entretanto, força é considerar outra hypothese não menos cabivel, a de serem *Caiuby e sua primeira mulher tupynikins, sendo tão sómente Guayanã e, portanto, de nação diversa da delle a segunda mulher.* Quer isso dizer que, ainda quando se admitta

a existencia dos guayanãs do campo e do matto, os indios da aldeia de Jeribatiba, da tribu de Caiuby, como os de Piratininga da tribu de Tibiriçá, isto é, os catechisados pelos Padres da Companhia em S. Paulo, eram todos da nação tupynikim, e assim sendo, esta nação estendia o seu dominio do littoral aos campos de cima da serra, pelo sertão dentro. E' de suppor então que, tendo começado a invadir este territorio pelo lado do mar, o Tupynikim, em epoca precedente á chegada dos europeus conseguiu expulsar o gentio primitivo, o Guayanã provavelmente, repellindo-o para o interior, forçando-o a refugiar-se nas mattas sobre a serra, nas montanhas, onde permanecia ilhado, em nucleos dispersos, diante da invasão inimiga para elle irresistivel.

O Guayanã daquelle tempo representava assim, deante do Tupinikim, o mesmo papel que hoje representa o *Coroado* deante do homem civilizado.

O Guayanã era, portanto, um vencido, refugiado nas mattas, occulto nas montanhas, donde descia sómente em occasião azada para uma surpresa ao inimigo, na faina das vinganças involvidaveis.

Como é de supôr, o Tupinikim devia luctar sempre por conservar os sitios conquistados como por alargar os seus dominios. Si fazia prisioneiros, sacrificava os homens nos festins de anthropophagia e as mulheres guardava-as como escravas, encorporando-as na sua tribu, quando as não tomava por consortes, como o fizera Caiuby.

Assim pois, ao tempo da invasão dos Portuguezes, Tupinikins eram os indios que dominavam no littoral e no sertão de Piratininga onde só em guerra penetravam Guayanãs.

Bem examinada esta hypothese, a favor da qual tão poderosas razões militam, chega-se á conclusão de que, de facto os primeiros catechumenos de Piratininga, os indios que concorreram para a fundação de S. Paulo, não eram guayanãs. Triunpha a versão contraria á tradição paulista.

Com razão, distinguia Vasconcellos os Guayanãs como nação diversa dos Tupis, considerando estes como dos *mansos* situados ao longo da costa e falando todos o mesmo idioma de que Anchieta compoz Arte Universal, e classificando os Guayanãs, ainda que dos *mansos*, como de outra especie, falando lingua differente. (1) Examinemos as provas.

O mesmo chronista refere que os indios christãos de Piratininga, tendo tomado em guerra um *guayanã* contrario, dispu-

---

(1) Simão de Vasconcellos, Chronica da Companhia de Jesus. Liv. I §§ 151 e 152.

nham-se já a comel-o num dos seus costumados festins quando os Padres corajosamente o obstaram. (2)

Os indios christãos de Piratininga não eram portanto Guayanás, mas inimigos destes.

Haus Staden que, por algum tempo, viveu entre os indios da Capitania de S. Vicente, pelos annos de 1553 e 1554, diz o seguinte a respeito dos Tupinikins: «Os portuguezes que ahi moram têm por amiga uma nação brazileira que se chama *Tuppin-Ikin*, cujas terras se estendem pelo sertão a dentro, cerca de 80 leguas e ao longo do mar umas 40 leguas.» (3) Tão extenso dominio attribuido pelo viajante allemão aos Tupinikins não se compadece com o que, trinta e tres annos depois, Gabriel Soares attribuiu aos Guayanás no territorio da mesma Capitania. Cumpre porém, notar que Staden fala *ex auctoritate propria* como testemunha presencial, ao passo que o auctor do Roteiro do Brazil guia-se por informações.

Staden, de ordinario tão verdadeiro, dá aos Tupinikins o que Gabriel Soares dá aos Guayanás, e acrescenta que aquelles tinham por inimigos do lado do sul os Carijós e do lado do norte os *Tuppin-Imbás*.

Está verificado que o Tupinikin não é o mesmo que o Guayaná. Portanto, a ser verdadeira a opinião do autor do Roteiro, é preciso admittir que entre 1554 e 1587, os Guaranazes, vencedores dos Tupinikins, os expulsaram do territorio da capitania de S. Vicente, a despeito de serem estes indios amigos e alliados dos Portuguezes, e se estabeleceram no mesmo territorio, facto que a Historia absolutamente não confirma.

Guayanás, certamente que os havia na Capitania, não como senhores e possuidores do seu littoral e dos seus sertões, mas como vencidos refugiados nas montanhas.

Fallando delles, diz Hans Saden: «Na serra habita uma raça de gente selvagem que se chama *Wayganná*. (4) Estes não têm habitações fixas como os outros que moram deante e por detraz da Serra. Os mesmos *Waygannas* estão em guerra com todas as outras nações e quando apanham algum inimigo o devoram; os outros tambem fazem o mesmo com elles.

«Vão a procura da caça na serra, são peritos para matar

(2) Idem. Liv. I, § 197, pag. 110.

(3) Haus Staden. Suas viagens e captivo entre os selvagens do Brazil.

(4) O autor aqui accelta opinião que já combateu. Nas *Notas a Hans Staden* (Vide Edição Commemorativa do 4.º Centenario do Descobrimto do Brazil), convencido já de que o Guayaná não pertence ao ramo typi.

com o arco e habeis em outras cousas como em fazer laços e armadilhas, com que apanham caça.» (5).

O Guayanã ou Waygana de Staden deixa crescer o cabello na cabeça e conserva as unhas compridas, é antropophago e mais cruel com os seus inimigos do que estes o são para com elle; por exemplo, corta-lhes os braços e pernas enquanto vivos pela grande gula que o distingue, ao passo que os outros indios só despedaçam as suas victimas depois de mortas. O Guayanã de Gabriel Soares, é, ao contrario, um gentio inoffensivo.

A opinião de Staden é aqui incontestavelmente de maior peso.

O viajante allemão fala de sciencia propria. Elle viveu muito tempo entre os Tamoyos ou Tupinambás como prisioneiro de guerra, e teve conhecimento directo do gentio que descreve. Dando-nos noticia da região occupada pelos Tupinambás que o captivaram, os quaes tinham suas habitações em frente da grande serra (Serra do Mar), junto ao mar, occupando ainda uma parte dos seus uma porção do valle do Parahyba, eis como o viajante localisa o Wayganna ou Guayanã: «Do lado do norte confinam (os Tamoyos) como uma raça de selvagens que se chamam *Woet-taka* (Guaytacá) e são seus inimigos; do lado do sul chamam-se seus inimigos *Tupin-Ikin*, e do lado da terra a dentro seus inimigos são chamados *Karaya*. Depois vêm os *Wayganna*, que moram na serra, perto delles, e mais uma raça que se chama *Markayá* que habita entre estes.» (6)

Como se vê da citação, o Guayanã ficava encravado no territorio dos Tamoyos ou Tupinambás, na grande serra, situada entre o mar e o valle do Parahyba.

Parece averiguado que o *Guayanã*, repellido do littoral, se refugiára, de longa data, na Serra do Mar, e que ahi se conservou por muitos annos, fazendo suas incursões ao longo desta cordilheira, ora para o lado do mar, ora para o lado do sertão, surgindo aqui e ali, e sendo muitas vezes conhecido por nomes diversos, segundo a região, até, que a civilização crescente, de todo, o desalojou do seu esconderijo.

E' assim que se explica, segundo Vasconcellos, que os Carijós, situados de Cananéa para o sul, traziam guerras intestinas com Guayanás (7); que os indios catechizados pelos jesuitas nos campos de Piratininga podiam tomar em guerra um guayanã

(5) Hans Staden—Suas viagens e captivo entre os selvagens do Brasil—Verdadeira e curta narração do commercio e costumes dos Tupinambás..., Cap. III, pag. 123, (Edição Commemorativa)

(6) Hans Staden, suas viagens e captivos entre os selvagens do Brazil Cap. IV pag. 124. (Edição Commemorativa do 4.º centenario)

(7) Simão de Vasconcellos, Chronica da Companhia, Liv. I, § 63 pag. LIV.

contrario (8); que Caiuby pode adoptar por segunda mulher uma guayanã das do matto, sua escrava tomada em guerra; que os Tamoyos de Ubatuba ou Tupinambás tinuam por seus visinhos e inimigos os Wayganna ou Guayanás, segundo Hans Stadem. E' ainda por esta circumstancia que o inglez Antonio Knivet, aprisionado no Brazil, e empregado por Martim de Sá no trafico de escravos pelos annos de 1591 e seguintes, encontra, nas costas de Paraty, Ilha Grande, Angra dos Reis e seus sertões, Guayanás (*Wainasses*) nas montanhas, visinhando com Puris e Tamoyos, inimigos destes e alliados dos Portuguezas, Guayanás que por facas e machados lhes vendiam mulher e filhos, e que nunca habitavam arredado do mar (9). Pela mesma razão é que Simão de Vasconcellos assignal-a Guayanás na Capitania do Espirito Santo, quando nos refere que Vasco Fernandes Coutinho ahí teve apertadas guerras de uma parte com a nação dos Guayanás, e de outra com a de Topinaqués (10).

O Guayanã era, portanto, no primeiro seculo da conquista, assignalado de sul a norte, desde Santa Catharina até ás visinhanças do Espirito Santo (10-A), occupando as mattas da Serra do Mar, mas sem ahí constituir dominio permanente e continuo em tão extenso territorio, pois que nessa serrania se refugiavam outras tribus vencidas como os Puris, Maracayas, Papanás, repellidos das praias do mar.

O *habitat* do Guayanã, durante o primeiro seculo da conquista, foi principalmente a cordilheira maritima, com as suas espessas mattas tropicaes, onde, ao par da segurança maior, encontrava elle os meios de subsistencia mais abundantes, uma vez perdida a posse do mar.

Perguntar-se-á agora—o Guaranã tão espalhado, e portanto, tão numeroso, teria desaparecido de todo, sem deixar vestigios? O Guaranã de que tratam as primeiras relações dos viajantes e dos Padres da Companhia não teria deixado representante algum entre as tribus selvagens ainda existentes ou mais recentemente desaparecidas?

E' bem provavel que o *Guaynã* não tenha de todo desaparecido como um typo ethnico, mas tão sómente como nome nacional. No segundo seculo da conquista, pelo menos, o repre-

(8) Simão de Vasconcellos, Chronica da Companhia, Liv. I, § 197, pag. 110.

(9) Antonio Knivet—Narração da viagem que nos annos de 1591 e seguintes fez Antonio Knivet da Inglaterra ao Mar do Sul em companhia de Thomas Cavendish. *Revist. do Inst. Hist.* vol. 41, pag. 183.

(10) Simão de Vasconcellos, Chronica, Liv. I, § 95, pag. 58.

(10-A) Ainda se encontraram Guayanás no sertão da Bahia, no valle do Amazonas, e no valle do Paraná.

sentante do Guayanã parece que existia ainda, se bom, que com differente nome.

Essa troca de nomes era cousa communissima naquelles tempos. As denominações das tribus selvagens nunca foram bem fixadas ou definidas.

As relações de viagem da primeira época, as noticias e narrativas contemporaneas do primeiro povoamento do paiz são de uma confusão desesperadora, omissas e contradictorias em se tratando desta materia. Os portuguezes, por exemplo, imitando ao gentio de S. Vicente, chamavam *Tamoyos* (*Tamōi-avô*) aos indios do Rio de Janeiro, cujos dominios pela costa vinham até perto da ilha de S. Sebastião. Os francezes, porém, chamavam a esses mesmos indios *Tupinambás* ou *Tupinambaults*, (11) que, entretanto, não era senão uma denominação generica, porque com o mesmo nome se encontravam indios na Bahia e no Maranhão.

Para uma mesma tribu havia, como se sabe, nomes enfaticos e honorificos que é como a tribu propriamente se appellidava, nomes de affecto de amizade que é como a tratava, os indios amigos e alliados e nomes pejorativos ou depoimentos que eram dados pelos adversarios. Os indios do Rio de Janeiro, segundo Thevet e Hans Staden, se chamavam tambem *Tabayaras* (12). Ora, o nome *Tabayara*, o mesmo que *Tabayara*, se traduz—o senhor das aldeas ou o melhor o possuidor de povoações, o que é dono de povoados. E', portanto, um nome enfatico que o selvagem escolheu para si mesmo. O nome *Tamōi-avô*, já é appellido ou alcunha amistosa, ao passo que o nome *Tupinhanbé* (*Tupi-nã-bá*—descendente de Tupi) é simples qualificativo de raça ou de familia.

Bastava uma tribu mudar de logar, ou tão sómente ganhar ou perder a affeição ou estima dos seus vizinhos para ser logo appellidada differentemente. Os mesmos indios, individualmente, gostavam de tomar outros nomes, trocar ou ajuntar appellidos aos que já tinham.

Está averiguado que até pouco antes do fim do seculo XVI, o nome *Guayanã* era commum entre os colonos. As relações de viagem, as informações e correspondencias fazem menção delle. Depois, faz-se um silencio inexplicavel sobre essa raça selvagem. Nos papeis publicos não mais se lhe menciona o nome. Nas representações da Camara de S. Paulo, pedindo de castigar o atrevimento dos indios, cujos crimes se multiplicavam sem a devida

(11) Thevet e Lery.

(12) Hans Staden, no Cap. XIV, escreveu *Tawaijar*, dizendo que significa *inimigo*, no que se enganou.



punição, não se citam sinão Tupis, Tupinikins, Tupinães, Tamoyos e Carijós, não se vê o nome Guayanã. Teria este cabido no olvido pelo aniquilamento do selvagem ou por simples troca de nome?

O aniquilamento ou a expulsão para o intimo dos sertões não pode ter sido total. Refugiado nas suas mattas sobre a serra, occupando posições quasi inexpugnaveis, e que ainda hoje, no meio de povoados, guardam o seu aspecto de sertão, o Guayanã podia resistir indefinidamente, e receber o influxo do homem civilizado em muito menor intensidade do que as tribus mais fortes e aguerridas que o haviam desabojado das praias do mar.

O Tupininkim e o Tamoyo teriam sem duvida desaparecido, ou perdido sua individualidade no meio da corrente civilizadora antes que o Guayanã, menos aguerrido porém mais bronco, tivesse cedido ás seducções do branco invasor ou ao arrojo das *bandeiras* caçadoras de escravos.

Tudo faz crer que o Guayanã, no alto das suas montanhas, no centro das suas mattas, resistiu por mais tempo, conservou-se melhor, e mais lentamente foi recuando para os sertões.

N'esse interim, porem, perdeu o nome primitivo e passou a ser designado por outro appellido. (13)

Os *Maramimis* ou *Guaramimis*, alli tão proximos de S. Vicente, indios de que as relações primitivas não fazem menção, sinão depois de meio seculo da conquista não serão por ventura os mesmos Guayanãs tão cedo olvidados nas chronicas e narrativas dos viajantes? Não formariam elles uma das tribus da nação Guayanã?

Vejamos quem são os *Maramomis* e como os descreveu Vasconcellos, (14) ao tratar dos selvagens *Tapuyas*: « Falam (os Tapuyas) diversas linguas e andam pelos campos, brenhas e serras como a bandos á maneira de animaes silvestres. Entre estes ha uma nação a que chamam Maramomis, que habitam especialmente a Capitania de S. Vicente e se extendem por uma parte 200 leguas pelo sertão e para outra chegam á Capitania do Espirito Santo, quasi outro tanto. Têm lingua facil de aprender, aos que sabem a geral da terra; andam nus, como todos ou outros, têm suas aldeas e roçarias de legumes, milho, aboboras, mandioca, posto que desta curam menos, presam-se de não comer carne humana, tendo aos que a comem por máos; não furam os beijos e commumente têm uma só mulher. Foram sempre

---

(13) Capistrano de Abreu pensa que os *Coroados* de hoje são os representantes dos Guayanãs.

(14) Simão de Vasconcellos, Vida de Anchieta, Liv. III, Cap. IX, pag. 184.

amigos dos Portuguezes, chamam-se seus parentes; e ha experiencia que podendo matal-os a seu salvo, o não fazem; não trata esta gente de criações, porque tem segura em seus arcos a caça do matto, ainda a mais sagaz e ligeira e vem a ser esta a mór difficuldade de sua conversão o andar sempre pelos mattos feitos caçadores do que hão de comer.»

Outro biographo de Anchieta, o Padre Pero Rodrigues, tratando do gentio *Maramimi* ou *Maramomi* diz que este «era visinho da Bertioga na costa entre S. Sebastião e S. Vicente. «Sua lingua era differente da geral de toda a costa. Anchieta aprendeu-a, della fez arte e cathecismo para o ensino desses indios.» (15)

Ahi temos o *Maramimi* occupando uma extensão territorial tão grande e na mesma região como a que se attribuiria no guayanã; com lingua differente da geral, mas facil de aprender aos que já sabem esta, lingua de que Anchieta fez Arte e Cathecismo. Ahi temos o *Maramimi* com a mansidão e costumes que Gabriel Soares attribue ao Guayanã, inimigo de carne humana e sempre aliado dos portuguezes.

Verifica-se portanto que o Guayanã do autor do Roteiro do Brazil tem o mesmo character e modo de vida que o *Maramimi* dos biographos de Anchieta; occupa a mesma região montanhosa que o Guayanã (*Wayganná*) de Hans Staden, differindo deste porém, quanto á antropophagia. O *Maramimi* não é canibal. O *Waygnná* de Staden o é e crudelissimo, cortando os membros de suas victimas antes de as matar.

E' para nctar que só Hans Staden attribua ao Guayanã tão grande feridade. Antonio Knivet, que vivia entre os portuguezes, nada diz a respeito. Staden parece que não conhecia o guayanã senão pela versão dos seus inimigos os Tamoyos, de quem o aventureiro allemão foi prisioneiro por muito tempo. O odio entre Tamoio e Guayanã tudo explica. Mas, salvo esta questão da antropophagia, o Guayanã das primeiras narrativas e relações é bem parecido e quasi identico ao *Maramimi*, das descrições de Pero Rodrigues e Simão de Vasconcellos.

Tudo parece indicar que o *Wayganná* ou *Guayaná* de Staden, localizado pelos annos de 1553 e 1554 na Serra do Mar por detras dos Tamoyos de Ubatuba, tenha descido um pouco mais para o sul, aproximando-se dos Tupinikins ou melhor dos portuguezes de S. Vicente, seus amigos e alliados e se tenham refugiado nas mattas da mesma Serra, no trecho comprehendido

---

(15) Padre Pero Rodrigues, Vilda de Anchieta, Manuscripto de 1607, da Bibliotheca de Evora.

entre a Bertioga e S. Sebastião, onde, mais tarde, os foi catholicisar o Padre José de Anchieta, sendo então conhecidos por *Maramomis* (16) *Guaramomis* ou mais provavelmente *Cuayamomis* (*Guay-a-momê*) que significa — *aquelle que é opprimido, o humilde, o abatido*, tratamento decerto dado pelos seus protectores ou pelos seus contrarios, e perdendo o antigo nome—*Guaycnã, o parente*, que lhe era dado pelos que lhe entendiam um pouco a lingua, a qual, comquanto differente da geral, era entendida pelos Carijós como o refere Gabriel Soares, e facilmente aprendida pelos que sabiam esta, como nol-o diz o chronista da Companhia de Jesus.

Terminando, chego ás seguintes conclusões que se me affirmam provaveis 1.º que os Guayanãs do tempo da conquista occupavam grande extensão de territorio, ainda que com soluções de continuidade, ao longo da Serra do Mar, desde Santa Catharina até o Espirito Santo; 2.º que os Tamoyos, Tupinikins e Carijós occupavam, ao lado delles, o territorio littoral, deixando contudo alguma aberta por onde os mesmos Guayanãs, que nunca se apartavam muito do mar, chegavam até este, como em Angra dos Reis e Paraty; 3.º que os Guayanãs, occupando as montanhas, visinhas dos campos, tinham cabildas nestes, razão porque se os podia distinguir em guayanã do mato e Guayanãs do campo; 4.º que dos Guayanãs da Serra, visinhos dos Tamoyos de Ubatuba procediam decerto as cabildas selvagens que vieram habitar nas proximidades da Bertioga, conhecidas pelo nome de *Maramomés* ou melhor *Guayamomés*; 5.º finalmente a lingua dos Guayamomés não era do ramo tupi, mas continha elementos delle assimilados que, de algum modo, a tornavam comprehensivel aos que sabiam a lingua geral.

Depois disto, somos ainda levados a concluir que o gentio dominador nos campos de Piratininga não era da nação Guayanã; que Tihiriçá, Caiuby e os da sua tribu não eram dessa nação, mas daquella de que uma parte se rebelou em 1562, atacando S. Paulo, e tendo por cabeças os parentes dos que tinham permanecido fieis aos Padres, nação tupi como eram os Tupinikins os Tamoyos e os Carijós; que o gentio dominador tanto no littoral da capitania como no seu sertão era da raça tupi, de cuja lingua procede quasi todo o vocabulario geographico paulista; que da lingua guayanã que era tupi, como o declararam os escriptores e chronistas da Companhia de Jesus, nada se conhece hoje, nem della ficou vestigio nas denominações dos logares e, final-

.....  
(16) *Maramomi* é corrupção de *Myramomi*, de *Myra* — gente, povo; *nome* ou *mimi* movadiço, andeço, revolacionado, nomada: *meme-membi* significa apertado, opprimido.

mente, que a raça mistiça, a dos *mamelucos*, donde sahiram os bandeirantes, conquistadores de sertão, não era do sangue guayaná, mas do tupinikim, ou verdadeiramente do tupi, da mesma raça de que descende grande parte da nação brasileira. Quer isso significar não sómente uma correcção em velhas e arraigadas tradições, erroneamente divulgadas sem critica, como principalmente uma reparação, uma restituição, tardia embora, a essa *raça tupi*, graças á qual, pela sua facil assimilação, ponde o Portuguez, pequeno no numero, mas grande no heroismo, lançar na America Tropical, em quasi metade do continente do sul, os fundamentos de uma nacionalidade nova.

S. Paulo, 15 de Julho de 1903.